

A ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA/CIÊNCIAS DO ESPORTE NA ERA DO CAPITALISMO ARTISTA OU TRANSESTÉTICO

Alan Camargo Silva¹
Sílvia Maria Agatti Lüdorf²

RESUMO

A presente resenha se refere ao livro “A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista” de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, publicado em 2015 pela editora Companhia das Letras. As análises críticas e instigantes sobre as lógicas que enredam as relações entre a estética e o mundo no contexto capitalista atual contribuem sobremaneira para reflexões acerca da mediação da Educação Física/Ciências do esporte com as práticas corporais. O impacto do capitalismo artista ou transestético nos modos de viver contemporâneo, delineado cuidadosamente pelos autores, faz pensar nas múltiplas e pulverizadas formas individualistas e hedonistas de cuidar de si, realidade esta ainda relevante nas discussões em torno do cenário acadêmico-profissional da área.

Palavras-chave: Educação Física e Treinamento. Práticas Corporais. Estética. Capitalismo.

-
- 1 Doutor em Saúde Coletiva. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: alan10@zipmail.com.br
 - 2 Doutora em Educação. Professora da Escola de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: sagatti.rlk@terra.com.br



Este texto está publicado sob uma licença Creative Commons
Atribuição NãoComercial-CompartilhaIgual – CC BY NC AS
Mais detalhes em: <https://br.creativecommons.org/licencas/>

THE AREA OF THE PHYSICAL EDUCATION/ SPORT SCIENCES IN THE ERA OF THE ARTISTIC OR TRANSAESTHETIC CAPITALISM

ABSTRACT

This book review presents the book "The world anesthetization: live in the era of the artistic capitalism" written by Gilles Lipovetsky and Jean Serroy, published in 2015, by Companhia das letras (publishing house). With an instigate analysis and its criticism about the relationship between the esthetic and the world in the capitalist context, the book contributes to the reflections related to the mediation between the Physical Education/ Sport Sciences and the body practices. Nowadays, the impact perceived in the artistic or transaesthetic capitalism in the styles of life, presented, carefully by the authors, allows the comprehension of multiples and widespread individualistic and hedonist ways to take care of himself/herself. This reality is still relevant to the debates among the academic and professional area.

Keywords: Physical Education and Training. Body Practices. Aesthetics. Capitalism.

EL ÁREA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA/ CIENCIAS DEL DEPORTE EN LA ERA DEL CAPITALISMO ARTISTA O TRANSESTÉTICO

RESUMEN

La reseña presenta el libro "La estetización del mundo: vivir en la era del capitalismo artista" de Gilles Lipovetsky y Jean Serroy, publicado en 2015 por la editora Companhia das Letras. Con una característica crítica, el libro instiga el lector en el cuestionamiento de las relaciones entre la estética y el mundo en el contexto capitalista actual, contribuyendo para las reflexiones acerca de la mediación de la Educación Física/ Ciencias del Deporte con las prácticas corporales. El impacto del capitalismo artista o transestético en las formas de vivir de la actualidad, demostrado cuidadosamente por los autores, permite pensar en variadas y difundidas formas individualistas e hedonistas de cuidar del propio cuerpo. Esa realidad es importante en las discusiones del escenario académico y profesional del área.

Palabras clave: Educación y Entrenamiento Físico. Prácticas Corporales. Estética. Capitalismo.

Após o sucesso do livro “A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011), Gilles Lipovetsky e Jean Serroy voltam a presentear os leitores com uma obra instigante ao discutirem como a arte e a estética podem se articular em favor de um tipo de capitalismo mundial que sensibiliza sutilmente o consumo desenfreado a partir de artifícios emocionais e afetivos³. A obra é fundamental para propiciar reflexões em torno das formas de atuação e de inserção da área de Educação Física/Ciências do Esporte junto aos tratos e usos do corpo, muitas vezes regidos pelos interesses de mercado, e do lucro, econômico ou simbólico.

Na introdução do livro, os autores justificam categórica e detalhadamente as razões do capitalismo assumir mais juízos e valores negativos do que positivos. O argumento central se baseia na ideia de que a economia liberal destrói a humanidade e a natureza, em prol de rentabilidade e de lucros. Tal característica deste sistema econômico não se alinharia a uma vida estética ou à valorização da riqueza experiencial do mundo, ou ainda, estaria “enfeitando a terra” (p. 12). Nessa direção, Lipovetsky e Serroy ponderam sobre as possibilidades do capitalismo em expansão mundial arruinar a vida em sociedade e afetar o domínio estético. Em outras palavras, objetivam com a obra apresentar as contribuições e os fracassos daquilo que denominam de capitalismo artista.

A ordem econômica configurada pela lógica de produção atual estiliza o universo estético cotidiano apresentando abundantes e ecléticas formas de consumo. Para os autores, o capitalismo artista ou criativo transestético se caracteriza justamente por esse “[...] peso crescente dos mercados da sensibilidade e do ‘*design process*’, por um trabalho sistemático de estilização dos bens e dos lugares mercantis, de integração generalizada da arte, do ‘*look*’ e do afeto no universo consumista.” (p. 14). Assim, com o intuito de elucidar a gênese de uma nova racionalidade capitalista que explora as dimensões estético-imaginárias-emocionais, os autores apresentam quatro eras da estetização do mundo. Cada qual assume diferentes valores na articulação entre a arte e o social.

No primeiro capítulo, “O capitalismo artista”, presente primordialmente na atual era transestética onde se estabelece a estetização do mundo e da existência, os autores aprofundam uma ideia paradoxal: ao mesmo tempo em que há uma difusão criativa de um ideal de vida estética bela e saborosa, as normas de mercado e os imperativos de velocidade, de rendimento e de acumulação são fatores limitantes. O texto denuncia a inflação estética desenvolvida na era transestética do capitalismo que, cada vez mais, sustenta uma sociedade hipermoderna regida pelos imperativos do estilo, da beleza e do espetáculo, tendo como pano de fundo os interesses do mercado de consumo.

Lipovetsky e Serroy discutem o atual complexo econômico-estético que se caracteriza por um capitalismo de sedução que visa atingir consumidores por meio de imagens, sonhos, emoções, encantamentos e prazeres. Baseado em um modelo estético-afetivo, o capitalismo artista envolve os consumidores por meio de uma gama diferenciada, acelerada e plural de produtos que os persuadiriam por meio de sonhos, sentimentos e

3 Não houve conflitos de interesses para realização da presente resenha.

diversão. O valor econômico estaria diretamente ligado ao valor estético e experiencial. O saber, a inovação e a imaginação seriam as peças-chave desse capitalismo imaterial ou dessa economia cognitiva potencializada por mercados que se calçam nas experiências e preferências subjetivas/ individuais.

O segundo capítulo, “As figuras inaugurais do capitalismo artista”, aponta historicamente como esse novo regime de produção capitalista veio sendo delineado e construído ao longo do tempo. A partir de críticas e revisões sobre o capitalismo industrial moderno que se baseava na produção em larga escala e, por vezes, focalizado em mercados locais e isolados, potencializou-se o capitalismo artista, marcado pelos imperativos da estética e da sedução, e fortalecido, em especial, pela comunicação e publicidade.

Embora os autores apresentem brevemente as três fases do capitalismo artista, restringem suas análises às duas primeiras, pois argumentam que o atual capitalismo transtético ainda conserva vestígios de suas figuras inaugurais. A primeira fase, que preponderou até a Segunda Guerra Mundial, seria um capitalismo artista restrito pelo fato de ainda construir os seus princípios e estruturas baseadas na lógica do mercado. A segunda fase, entre 1950 e 1980, foi chamada de capitalismo artista estendido devido ao ganho de poder econômico e em superfície social, ainda que baseado na organização fordiana. Lipovetsky e Serroy mencionam os elementos estéticos desde a invenção das lojas de departamentos e comércios do final do século XIX até as indústrias culturais, a moda e a publicidade, alavancadas em meados do século XX.

Já no terceiro capítulo, “Um mundo *design*”, aborda-se a terceira fase do capitalismo artista que se estabeleceu a partir das décadas de 1980 e 1990. Devido a um contexto de mudanças mundiais nas dimensões políticas, econômicas, estéticas e, sobretudo, tecnológicas, emerge nesse período o que os autores denominam de terceira Revolução Industrial. A crescente planetarização ou a mundialização da economia de mercado pautada em políticas ultraliberais que dinamizam e intensificam as atividades de compra e de venda começam a investir na inovação e na hiperdiversificação dos produtos.

Os autores ressaltam os fatores associados à ascensão do *design* como elemento central do capitalismo criativo, ao estimular as lógicas de consumo por meio do subjetivismo e da sedução. Este tipo de capitalismo também atende à demanda atual de gerar uma criatividade ecorresponsável face às críticas sobre os danos ao meio ambiente, provocados por uma hipereconomia generalizada e descoordenada.

“O império do espetáculo e do divertimento”, título do quarto capítulo, traz uma discussão em torno da aproximação entre arte, cultura, tecnologia e *business*. Com base no referencial teórico da Escola de Frankfurt, os autores lembram das indústrias culturais que transformam bens tradicionais em mercadorias. Nesse contexto, cria-se uma hipercultura midiática-mercantil que se alinha ao entretenimento construído pelo capitalismo artista sedutor e performático.

Ao longo do capítulo, os autores tratam das lógicas de consumo que subjazem a uma série de espetáculos e divertimentos. A racionalidade econômica, associada ao império estético, fortalecida por um mundo globalizado e potencializada pelos diferentes meios midiáticos, passa a modular diversas manifestações, tais como artes, esportes e lazer.

Lipovetsky e Serroy analisam alguns eixos fundamentais que consubstanciam a construção paulatina de uma sociedade do hiperespetáculo, característica do capitalismo criativo.

O quinto capítulo intitulado “O estágio estético do consumo” centraliza as análises referentes ao processo de estetização/espetacularização de todos os elementos da vida social cotidiana. De um lado, o mercado estético-sedutor, e de outro, clientes consumidores ávidos em atender seus desejos de compra. Os autores defendem a ideia de que o capitalismo no mundo hipermoderno possui uma alta permeabilidade mercantil nos centros citadinos, cada vez mais urbanos e arquitetônicos.

É com o consumidor transestético, produto do capitalismo artista, que ocorre a expansão social dos prazeres, bem-estares, confortos, felicidades e experiências agradáveis, isto é, com a emergência de um neoconsumidor interessado nos “produtos imateriais”. O texto problematiza a democratização da estetização do consumo a partir de diferentes marcadores sociais (classe, ciclo de vida, gênero, etc.) e sobre diversos ambientes ou elementos da vida. Neste capítulo, em especial, trata-se do embelezamento ou do culto ao corpo.

No último capítulo, “A sociedade transestética: até onde?”, Lipovetsky e Serroy apontam que mais do que um sistema hipermoderno de produção de bens e de consumo hedonista presente na era da estetização do mundo, o capitalismo artista se caracteriza pela promoção de um ideal de vida, uma ética estetizada da vida. A sensação e a percepção estéticas se reduzem a uma realização eminentemente pessoal, ou seja, o culto da experiência de si se torna a finalidade última do sujeito.

Prazeres, beleza, autenticidade e sensações, características da vida estética contemporânea, se estabelecem como metas da própria existência. Diferente de ser um processo dialógico ou contra qualquer instância ou instituição moderna, essa existência é pautada no alcance de uma vida feliz ou na sensação imediatista de realizar os desejos mais íntimos, de preferência, acoplados ao consumo de sedutores produtos. Os autores ainda destacam as tensões estruturais e as contradições nas lógicas econômicas, políticas e culturais que têm como resultado uma sociedade desorientada.

Ao destacar a contemporaneidade como uma era do “hiper”, mais precisamente caracterizada pelo hiperindividualismo e hiperconsumo, o livro permite questionar os elementos e as experiências de uma sociedade estética hipermoderna fragmentada e plural que atinge as práticas corporais mediadas também pela área de Educação Física/ Ciências do Esporte. As identidades dos sujeitos, cada vez mais pulverizadas e dinamizadas neste mundo efêmero do capitalismo artista, incitam um desafio moral e ético àqueles profissionais que lidam cotidianamente com a formação e orientação de sujeitos imersos nesse contexto.

Algumas questões suscitam a reflexão: de que formas a Educação Física/ Ciências do Esporte e seus profissionais se situam diante do capitalismo artista? A área contribui para uma estetização do mundo por meio da construção de corpos dependentes de propostas mercadológicas? Ou são trabalhadas perspectivas de emancipação e/ou de resistência aos imperativos do lucro?

Para além de um posicionamento binário ou polarizado, reconhece-se a complexidade dos fatores que enredam o capitalismo transestético. É fundamental empreender

análises em torno do corpo *design*, como Lüdorf (2008) denominou aquele corpo com potencial de transformação, em que estilo, forma, aparência e juventude são importantes atributos, e ponderar como esses desejos poderiam (ou não) servir à construção do *self* em busca incessante por uma vida ou corpo “feliz e de sucesso”.

Ao contrário de atribuir juízo de valor, emerge a necessidade de revisitar o lugar social da Educação Física/ Ciências do Esporte na contemporaneidade, uma vez que, cada vez mais, a estetização do mundo, ao mesmo tempo em que se torna um meio para o consumo, assume uma finalidade em si. De certa maneira, a área está envolvida por um capitalismo artista que gera consumidores reféns dos seus próprios desejos de consumo em que o valor estético, no cenário atual, ganha corpo...ou corpos hipersarados, hiperinflados, hipersaudáveis, hipermedicalizados, hipersuplementados, hiperanabolizados, dentre outros “hipers”, em uma sedutora lógica permeada pela fragilidade das identidades e por questionáveis relações com a saúde.

Os imperativos transitórios ligados ao culto individualista e hedonista à beleza e à juventude, a medicalização da vida cotidiana, o exacerbado valor dado às tecnologias e aos meios de comunicação voltados ao corpo, à qualidade de vida e à saúde dita perfeita, ou à eficácia e ao desempenho esportivo como grandes espetáculos são alguns dos temas tratados ao longo dos capítulos, ainda caros para as discussões acerca dos saberes e das práticas na área de Educação Física/ Ciências do Esporte. Em vista do exposto, a leitura da obra em tela se configura como uma clássica referência que deveria ser literalmente consumida por aqueles que trabalham com as práticas corporais, principalmente no “[...] sentido de construção cultural e linguagem presentes nas diferentes formas de expressão corporal.” (SILVA; DAMIANI, 2005, p. 24).

Pensar e analisar a estetização do mundo pela ótica de Lipovetsky e Serroy instiga substancialmente aqueles profissionais que defendem a área de Educação Física/ Ciências do Esporte como mediadores de corpos sensíveis ao mundo para além de uma era permeada pelo capitalismo artista. As compreensões de corpo e de práticas corporais por meio dos referenciais socioculturais na área de Educação Física/ Ciências do Esporte ganham indiscutivelmente robustez e vigor teórico pela representatividade desta obra no campo das Ciências Humanas e Sociais.

REFERÊNCIAS

- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Refletindo sobre o corpo design e a formação de professores de Educação Física: por uma educação sociocorporal. In: ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik Giuseppe B. (Orgs.) **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 61-83.
- SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, Ana Márcia;

DAMIANI, Iara Regina (Orgs.) **Práticas corporais**: gênese de um movimento investigativo em Educação Física. v. 1, Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. p. 17-27.

Recebido em: agosto/2016

Aprovado em: janeiro/2017